

AS HORAS CLARAS

ALONSO ALVAREZ

AS HORAS CLARAS

[NOVA EDIÇÃO REVISTA]

SÉRIE 11º ANDAR

TEMPORADA 2


FICÇÕES

Copyright © Alonso Alvarez

Projeto editorial/gráfico Alonso Alvarez

Ilustração da capa Rafa Antón

Revisão Ana Maria Barbosa

**Prêmio Proac 08/2011 do Programa de Ação Cultural
Concurso de Apoio a Projetos de Publicação de Livros no estado de São Paulo.
[1ª Edição em 2012]**

As situações e os personagens desta obra são ficcionais.

*Grafia segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990,
em vigor no Brasil desde 2009.*

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Alvarez, Alonso

As horas claras / Alonso Alvarez. -- 2. ed. -- São Paulo : Ficções
Editora, 2025. -- (Série 11º andar ; 2)

ISBN 978-65-87622-26-2

1. Fantasia - Literatura infantojuvenil 2. Magia - Literatura
infantojuvenil 3. Realismo fantástico 4. Realismo mágico (Literatura)
I. Título. II. Série.

25-253466

CDD-028.5

Índices para catálogo sistemático:

1. Ficção : Literatura infantojuvenil 028.5
2. Ficção : Literatura juvenil 028.5

Eliete Marques da Silva - Bibliotecária - CRB-8/9380

2025

Direitos de publicação reservados à

FICÇÕES EDITORA

rua Correia Galvão, 57

01547-010 – São Paulo – SP

www.ficcoes.com.br

editora@ficcoes.com.br

SUMÁRIO

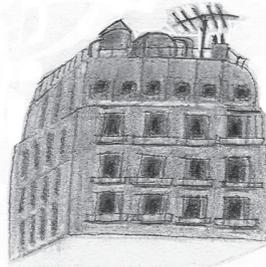
PERSONAGENS PRINCIPAIS, 9

EPISÓDIOS

1, 13	27, 136	53, 216
2, 21	28, 138	54, 218
3, 25	29, 142	55, 219
4, 29	30, 147	56, 221
5, 41	31, 153	57, 224
6, 43	32, 156	58, 227
7, 48	33, 159	59, 230
8, 56	34, 161	60, 233
9, 67	35, 162	61, 234
10, 69	36, 163	62, 237
11, 71	37, 166	63, 240
12, 73	38, 169	64, 247
13, 76	39, 170	65, 249
14, 82	40, 181	66, 250
15, 89	41, 185	67, 251
16, 97	42, 189	
17, 105	43, 191	NOTAS, 255
18, 110	44, 193	O AUTOR, 257
19, 114	45, 195	TEMPORADAS, 259
20, 118	46, 198	
21, 121	47, 200	
22, 126	48, 203	
23, 130	49, 206	
24, 131	50, 209	
25, 133	51, 212	
26, 135	52, 214	

PARA CHRISTIANE, ISADORA E RAFAEL





SEU CARLOS / ZELADOR

14º - RI

13º - TREZE

TURISTA - 12º

11º - O ANDAR QUE NÃO EXISTE

CLARA - 9º

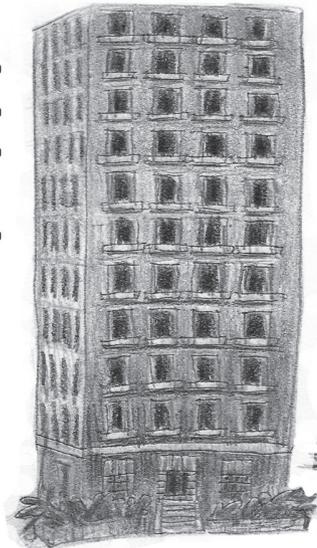
**10º - A BIBLIOTECA
LABIRÍNTICA E INFINITA
DO SR. JORGES**

BAND-AID - 8º

MARINA - 7º

7º - SR. JÚLIO / SÍNDICO

**CONTRA - 5º
E O CÃO LUPICÍNIO**



O POSTE DO LUPICÍNIO

PERSONAGENS PRINCIPAIS

TURISTA - Gilberto. Ele conta que, um dia, entrou no elevador e apertou todos os botões só para zoar com o próximo usuário. No entanto, o elevador não parou mais de descer e ele acabou chegando na China, do outro lado do planeta. Durante a viagem, tirou várias fotos pela janelinha do elevador, incluindo até um registro de fósseis de dinossauro. Agora, carrega essas fotos nos bolsos e até arrisca falar algumas palavras em chinês. Ele come sem parar, justificando que precisa compensar a “falta de gravidade” no estômago, causada pelo tempo que passou de ponta-cabeça durante a viagem. Isso é um problema, já que ele é gordinho, mora no 12º andar e, após desenvolver medo de elevadores, só sobe e desce pelas escadas.

PANO-AÍO - Armando é míope e usa óculos com lentes grossas, mas prefere não enxergar a vida com nitidez, alegando que isso o irrita. Por essa razão, vive sujando e embaçando as lentes de propósito. Com os óculos sujos, ele tropeça constantemente nas coisas que estão pelo caminho, caindo e se machucando. Quando isso acontece, ele se agacha, tira do bolso uma caixa de primeiros socorros e faz o curativo ali mesmo. É um filósofo inquieto, curioso e muito inteligente. Raras vezes limpa as lentes para enxergar melhor.

CONTRA - Alfredo recebeu o apelido de “Contra” ao se mudar para o prédio, trazendo consigo seu cachorro, Lupicínio. O síndico tentou expulsar o animal alegando as regras do condomínio, mas Alfredo organizou um movimento em defesa de Lupicínio, contra sua expulsão. O cachorro venceu a disputa e permaneceu no prédio.

LUPICÍNIO - Cachorro. Durante os protestos para ele ficar no prédio, no meio de uma discussão no elevador, ele mordeu o síndico. Desmaiou na hora, ficou doente, com febre, foi internado. Os meninos alegaram que ele adoeceu depois de morder a perna do síndico, que era feita de “carne estragada” e intoxicou o cão. Além de garantir o direito de Lupicínio ficar no prédio, conseguiram que o condomínio ressarcisse as despesas veterinárias para tratar o cão.

RI - Ricardo. Foi adotado por um casal de idosos que mora no apartamento 145. Ele morava na rua em frente ao prédio e vendia balas no semáforo. Está sempre sorrindo, feliz.

TREZE - Luís. Os pais se separaram e ele escolheu ficar com o pai e veio morar no prédio. A mãe continuou no apartamento onde eles moraram, do outro lado da avenida, em frente ao prédio. Treze passa horas com um binóculo vendo a mãe na nova vida. Tímido, vivia trancafiado no quarto. Quando ele se mudou para o prédio, os adolescentes da turma lembravam dele como o menino do Treze – assim, quando se enturmou, surgiu o apelido.

MARINA - Não faz parte da turma, mas é amiga de todos. Quando a Annabel, a feiticeira, morou no 11º andar, a menina fez uma viagem à Lua. Nas noites de lua cheia, Marina encanta os amigos contando histórias sobre os lugares que visitou no satélite.

CLARA - Morava numa casa na periferia com os pais. Vieram para o prédio atrás de segurança. Ela sofre de vertigem e nem se aproxima da janela do seu quarto no 9º andar. Gosta de astronomia, tem um telescópio e ficou feliz de residir num prédio, podendo, assim, estar mais próxima das estrelas.

SR. JORGES - Velho cego que tem uma biblioteca labiríntica e infinita que ocupa todo o 10º andar e além. Fascinados pelos mistérios do lugar, os adolescentes do prédio adoram visitá-lo e ouvir as histórias e poemas dos livros.

SEU CARLOS - Zelador.

SR. JÚLIO - Síndico, chato e cheio de regras.

HÓSPEDES DO 11º ANDAR - A cada temporada, os adolescentes, o velho cego e o cachorro conseguem descer no 11º andar, o andar que não existe, e encontrar hóspedes inusitados, como Annabel, uma feiticeira prisioneira de um encanto; escritores e poetas: Poe, Fernando Pessoa, Emily Dickinson, Rimbaud, Whitman e Kafka; filósofos, cientistas, matemáticos e astrônomos: Platão, Pitágoras, Tales de Mileto, Isaac Newton, Ptolomeu e Galileu; tipógrafo e bibliófilo: Gutenberg e Rooster; e a gênica Zira.



Quando Clara entrou no apartamento na sua primeira visita, não ousou se aproximar da janela da sala que estava aberta. Seus pais conversavam na cozinha com o zelador, que relatava algum problema na torneira da pia e cochichava algo, como se quisesse guardar algum segredo da menina, que ficou na sala, parada a três passos da janela, sem coragem de se aproximar dela, mas deixando-se banhar pela brisa que invadia aquele apartamento vazio, com uma ou outra barata morta no chão, pequenas teias de aranhas abandonadas nos cantos do teto e um bico de luz sem lâmpada.

Clara girou apenas a cabeça para olhar ao redor. Com a brisa, vinha o barulho da cidade naquele final de tarde, e, se seus pais demorassem muito na cozinha, ela pensou, todos ali ficariam no escuro, pois a energia elétrica estava cortada, e isso o zelador avisou quando abriu a porta do apartamento, que era bem espaçoso, com três quartos, duas suítes, um corredor largo — que a mãe logo definiu que seria onde ficaria a estante com os livros e os quadros com fotos da família — e mais um lavabo, sala grande, a cozinha com copa e uma bem ajeitada área de serviço.

Seus pais voltaram da cozinha e seguiram até a janela da sala, puxando Clara, que resistiu e soltou-se das mãos deles, e ficou onde estava, sem o frescor da brisa que agora se des-

viava por causa dos corpos de seus pais que se enfiaram na janela, debruçados no parapeito, maravilhados com a altura e a vista oeste da cidade, com prédios, prédios e mais prédios, antenas, antenas e mais antenas. E ela viu que sua mãe adorou a paisagem e seu pai concordou com ela, apontando algo no horizonte que Clara não teve a mínima vontade de saber o que era. Cansada, sentou-se no chão de madeira empoeirado e aí descobriu que havia mais que duas baratas mortas pela sala. Ao lado de uma folha de jornal amassada, jogada perto da entrada do corredor que dava para os quartos, mais duas outras baratas estavam sem vida, com a barriga ressecada para cima e pedaços de patas ainda presos ao corpo, tão secas e estorricadas que, se alguém as tocasse com os dedos, esfarelariam. Arrastou-se até perto delas, não para pegá-las nem apertá-las, mas para alcançar a folha de jornal que ela logo desamassou.

Era uma primeira página de um jornal da cidade. Datava de vinte e quatro anos atrás, o que deixou Clara intrigada e curiosa. Ela olhou com atenção cada manchete e deteve-se em uma sobre a passagem do cometa Halley na Terra — tinha a frase grifada com caneta azul por alguém que certamente guardara aquela página por algum motivo:

“O próximo periélio do cometa Halley será em 2061”

Raramente ela encontrava a palavra *periélio* por aí, e ficou feliz de encontrá-la no chão da sala de seu novo lar. Quando leu a manchete, já sabia que periélio é o ponto de menor afastamento de um astro em torno do Sol. Fez as contas de cabeça e logo imaginou que ainda poderia estar viva quan-

do o cometa voltasse a passar perto da Terra — estaria com sessenta e cinco anos se o aquecimento global não acabasse com a vida no planeta antes disso. Talvez, pensou eufórica, no futuro possamos viajar ao espaço com a mesma facilidade de como hoje vamos ao cinema. Olhou para os pais debruçados na janela e depois para as baratas secas no chão. Sentiu um frio no estômago só de se imaginar dentro de uma astronave no espaço. Mas, até lá, pensou esperançosa, a vertigem será curada com apenas um comprimido. Deu de ombros.

Seus pais conversavam junto à janela. O zelador, com uma vassoura e uma pá de plástico, retirava as carcaças secas das baratas espalhadas pelo apartamento. Deveria ter feito isso duas semanas antes, quando seus pais passaram por lá para fechar a compra do imóvel. Enquanto varria, ele se desculpava pela falta de tempo e pelo esquecimento.

Clara olhava por cima da folha de jornal o esforço do seu Carlos, o zelador, um pouco acima do peso, se agachando com dificuldade para recolher os insetos que se esfarelavam só de ele varrer com a piaçava. Ele reclamava, pois a brisa espalhava os restos dos insetos pelo apartamento, dificultando o serviço dele.

Clara dobrou a folha de jornal e a guardou no bolso da calça. Levantou-se e entrou no corredor para olhar o quarto que seria seu.

Ao entrar no cômodo de vinte metros quadrados, logo viu a decoração que a sua mãe já definira quando passara por lá alguns dias atrás para acertar detalhes da mudança e da decoração. Sim, Clara constatou, era exatamente como a mãe descrevera e desenhara. Podia ver cada detalhe: a sua cama, a pequena mesa ao lado dela com abajur, o relógio e a única

gaveta onde guarda o livro que está lendo, caixas de remédios homeopáticos e florais, canetas e lápis, moedas, cliques, folhas, pétalas, pedras. A cabeceira da cama ficaria posicionada para o sul, pois a mãe sempre seguia as orientações do feng shui. Dessa forma, quando deitada, a janela ficaria à sua esquerda, afastada dela por uma estreita passagem. No outro lado, ao norte, o armário, e na parede ao lado, à direita, a porta do banheiro, e no outro extremo, a porta do quarto.

O seu novo quarto tinha bom espaço. Não era maior do que o da outra casa; casa mesmo, com quintal e jardim, gente tocando para oferecer detergente, pão, bananas, propaganda. Agora seria a primeira vez que Clara moraria em um apartamento, e no 9º andar.

Entre a porta do banheiro e a do quarto, ela mediu quase três passos bem largos. Daria para colocar a mesinha de estudos com o computador. Por sorte, era um lugar que tinha tomada, e isso a sua mãe já tinha observado no seu projeto de ocupação e decoração do novo lar. Clara logo descobriu que prédios antigos ofereciam poucas tomadas nos cômodos. Com o tempo, a tecnologia foi entrando nos lares com fome de muitas tomadas, espalhando aparelhos por todos os lados: estabilizadores, carregadores de câmeras digitais e de celulares, impressora, computador. A sua mesa teria que ficar ali, o segundo lugar no quarto com tomada; o outro estava reservado para o abajur ao lado da cama.

De pé, no centro do quarto, imaginou como ele ficaria com as suas coisas e gostou. Viu, na sua imaginação, que poderia ficar sentada na cama enquanto estudava o firmamento com o seu telescópio. Percebeu que daria para usar a sua mesinha portátil de observações astronômicas para apoiar a luneta e fazer as anotações no caderno.

Olhou ao redor, procurando espaço para a sua estante de livros e revistas. O guarda-roupa tomava conta de toda a parede norte. Aproximou-se dele e abriu a porta que ficava próxima ao banheiro e logo teve a ideia de que usaria as suas prateleiras para guardar os livros. Ficaria ótimo e até sobraria espaço!

Não se aproximou da janela, mesmo fechada com o vidro. De onde estava, a dois passos, podia ver o que acontecia lá fora, àquela altura, cerca de trinta metros. Calculou por cima, só de olhar para o pé-direito do apartamento e multiplicando a altura estimada de três metros por nove andares, mais a portaria. Só de imaginar essa altura toda, sentiu tontura.

A janela era grande, emoldurando um bom pedaço da cidade. Do outro lado da grande avenida avistavam-se outros prédios, com janelas abertas e fechadas. Em algumas, podia observar, forçando a vista, o cotidiano das pessoas que habitavam aqueles apartamentos. Pensou que certamente seria observada da mesma maneira, bastando alguém forçar a vista ou colocar os olhos atrás de um binóculo ou uma luneta.

Ela tinha um telescópio. Imediatamente, o seu olhar se levantou acima dos prédios do outro lado da grande avenida e logo se perdeu no céu que começava a escurecer. Então se alegrou ao se dar conta de que ali, naquele 9º andar, estaria mais perto da Via Láctea, da Lua, dos planetas, das estrelas, das galáxias... do firmamento! Avançou mais um passo para ver quanto de céu teria acima dos prédios do outro lado da avenida. Deu para ver que era muito, pois, descobriu, o prédio estava em um dos pontos mais altos da cidade, elevando em muitas vezes a altura da sua janela. Mas observou tudo isso a partir de uma distância segura; nem pensar em se aproximar do parapeito.

Despertou desses pensamentos quando o zelador, já com seus pais no quarto deles, contíguo ao dela, comentava sobre a inexistência do 11º andar no prédio. A sua mãe nem deu ouvidos e até comentou que isso não faria diferença alguma, encerrando o assunto, preocupada que estava com a quantidade de baratas mortas no apartamento. Ela queria saber, com detalhes, tudo sobre a coleta do lixo, os vizinhos, a faxina do prédio, as lixeiras desativadas, a fiscalização sanitária, as reuniões do condomínio, o síndico... Seu pai mostrava-se cada vez mais satisfeito com o apartamento, com o espaço, andando e contando passos, imaginando que todos os móveis se encaixariam no novo lar, cheio de ideias para as quais a mãe dela em geral não dava a mínima.

Curiosa, Clara pensou em aproximar-se da janela para ver o andar que não existia, já intrigada com a revelação do zelador. Afinal, como um andar inteiro deixara de existir num prédio? Mas olhar para cima, apoiando-se no parapeito, nem pensar, e, apesar da curiosidade, recuou.

Já quando estavam na sala, o zelador então, olhando e apontando para o teto, revelou algo que deixou a mãe bastante preocupada, a ponto de cruzar os braços e acompanhar a revelação do zelador, que, ainda olhando para cima, contou que eles morariam sob uma biblioteca infinita (não usou exatamente esse adjetivo, mas deu a entender que o lugar era sem fim), que era de um velho cego, o sr. Jorges, que comprara o andar inteiro quando o prédio foi construído e que todos os lugares, todos mesmo, incluindo os banheiros, lavabos, cozinha, eram forrados, do chão ao teto, de estantes cheias de livros; que ele já entrara lá umas três vezes e custou para achar o caminho de volta.

— E o que um velho cego faz com tantos livros? — quis saber a mãe, boquiaberta e já perturbada com a revelação.

— Não me pergunte — respondeu o zelador. — Mas ele é muito querido aqui no prédio e deixa a porta aberta para quem quiser entrar na biblioteca... — fez uma pausa misteriosa e terminou: — Porém poucos se atrevem...

— Por quê?! — A mãe não entendeu.

— Além de uma turma de adolescentes e um cachorro, quase ninguém entra lá, pois contam que algumas pessoas se perderam naquele lugar e foram encontradas semanas depois delirando e recitando versos de um tal Dante...

— E isso tudo sobre o nosso teto?! — horrorizou-se a mãe, olhando para cima. — Quer dizer que vamos viver sob um monte de livros velhos, cheios de traças e fungos? Meu Deus! O que será da rinite de Clara?!

— Talvez não seja tão ruim assim... — comentou o pai, um pouco distraído, debruçado no parapeito da janela, admirando a vista.

Clara não tirava os olhos do teto, maravilhada com a revelação do zelador, tentando imaginar sob que estantes de livros ela estaria... E só baixou os olhos do teto quando o zelador fez outra revelação, apontando para ela:

— E esses adolescentes que vivem na biblioteca do sr. Jorges têm mais ou menos a mesma idade da sua filha...

— Só me faltava essa! Descobrir que temos um depósito de livros sobre nossa casa, infestado de pó, traças e fungos, e que é visitado por um bando de moleques que têm “mais ou menos” a idade da nossa filha! Meu Deus! Será que fizemos um bom negócio, querido?

Mas o pai de Clara estava longe daquela preocupação, maravilhado com o visual além da janela, com o olhar perdido no horizonte.

Clara achou melhor se afastar dali e voltou para o seu quarto, olhando para o teto, tentando imaginar sob que estantes de livros ela estaria caminhando e já não via a hora de se perder naquela biblioteca. Ainda nem tinha mudado para lá e já estava adorando o novo lar. Respirou fundo e pensou: “Que se dane a rinite!”.

A noite barulhenta invadia o apartamento. As luzes da cidade pipocavam por todos os lados. O trânsito perdia a paciência e reclamava com buzinas, freadas e sirenes estridentes. O zelador, mal iluminado com a luz que vinha de fora, fechou a janela da sala. E todos saíram.

No corredor, algumas luzes estavam acesas, e o zelador aproveitou ali mesmo para anotar num caderninho que tinha encontrado uma lâmpada queimada, para não esquecer de trocá-la. Quando passaram por debaixo dela, Clara descobriu a lua cheia surgindo por detrás de um prédio que ficava logo depois daquele onde moraria. O extenso corredor tinha uma sacada com uma mureta em toda a sua extensão, interrompida apenas pelos dois elevadores e a entrada e a saída da escadaria, ao lado deles. Encostada na parede dos apartamentos, longe da mureta, Clara ficou olhando a lua, imaginando sua trajetória, e que a encontraria quase todas as madrugadas na janela do seu quarto. E sorriu para a primeira amizade que acabara de fazer no novo lar.